

PERFIL • ANTÓNIO PINHO VARGAS • PRÉMIO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA 2012

“Havia mais mundo para além do que me era dito”

António Pinho Vargas, vencedor do Prémio UC 2012, é exemplo do empreendedorismo a que os novos talentos nacionais devem aderir. Imprimir uma assinatura para que seja reconhecida num qualquer lado, por um determinado alguém, é o principal desafio imposto na criação conceptual. *Por Liliana Cunha e Ana Duarte*

Plasmar a música nas mãos. O solo erudito de Vargas, completo na articulação de umas quaisquer cordas percutidas, é indissociável. Indissociável de tempos anacrónicos. Estes, aliados à contemporaneidade. É nesta característica que reside a particularidade da obra de António Pinho Vargas enquanto compositor. Português, nascido em Vila Nova de Gaia há 60 anos, vive as contrariedades da afirmação da música portuguesa e da sua cultura a uma escala europeia. Este “complexo de inferioridade”, como lhe chama, deve-se à ineficácia do regime de trocas culturais entre civilizações. Gostar da música portuguesa cá dentro sempre foi uma batalha para quem quer viver dela. Mas António não escolheu viver assim.

Nascer na segunda metade do século XX implica tocar os momentos históricos mais determinantes para o país: Estado Novo, Salazar, Lisboa. O então estudante de Direito rebelou-se contra o sistema dogmático de ensino, que sempre associou ao poder político, numa forma negativa. Preteriu a formação académica e foi para a

“Estive mais na rua a fugir da polícia do que propriamente a frequentar as aulas”

rua. A extrema esquerda estava conferida aos estudantes nos idos anos 70 e iam-se formando “as listas”. “Estive mais na rua a fugir da polícia do que propriamente a frequentar as aulas”, conta o músico, que na altura presenciou um dos mais quentes episódios no seio da comunidade estudantil – o assassinato do companheiro de luta Ribeiro Santos, pela PIDE, em 1972.

Direito não avistou bom porto, todavia, de volta a Gaia, António enveredou pela História. Gradativamente. Não urgia terminar o bacharelato porque, entretanto, o piano assume protagonismo. Foi no jazz que encontrou a reivindicação que almejava, junto dos seus amigos com quem formou grupos. Do outro lado do Atlântico, era este o estilo privilegiado para a intervenção. Era o que Vargas pretendia para o seu país e para a sua criação.

Espaço de Vargas na Europa

O primeiro disco foi gravado em

1983. Depois, rumo à Holanda, após conseguir uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian. Lá, conviveu com outros compositores e apercebeu-se da importância que o centro da Europa representava no pano-

De resto, compor fora do ambiente patriota envolveu uma aproximação mais heterodoxa na forma de olhar a arte. As condições estruturais das salas onde se podia tocar eram consideráveis. Pelo contrário, em Portugal,

seus alunos a problemática do ego na produção artística. Saber dosear a interseção das dicotomias composição/indivíduo (compositor que escreve, em primeiro, para si) e música/público (repercussão da sua obra

música contemporânea vasta, e não cingida àquela que demagógicamente se incutia em Portugal.

Prémio Universidade de Coimbra 2012

“A primeira reação foi de surpresa. Nunca pensei que ia receber um prémio em Portugal”. A falta de crença nos prémios atribuídos a músicos portugueses, por portugueses, foi preponderante ante a sua perplexidade. Contudo, a partir das mostras “de sensibilidade artística, intelectual e de composição musical” que se repercutiram numa reflexão sobre a sociedade atual, José Manuel Pureza, investigador do Centro de Estudos Sociais tal como Pinho Vargas, classifica positivamente a decisão da Universidade de Coimbra – “um gesto de grande alcance, de grande saber estratégico”.

Em Coimbra, captar a essência do humano em sociedade torna-se uma questão de conceitos antropomórficos. Observar a perceção e aptidão para capturar o sentido musicológico é tema central da sua tese de doutoramento, esta em Sociologia da Cul-

“Afinal, a minha inquietude em Portugal tinha razão de ser”, justifica o compositor

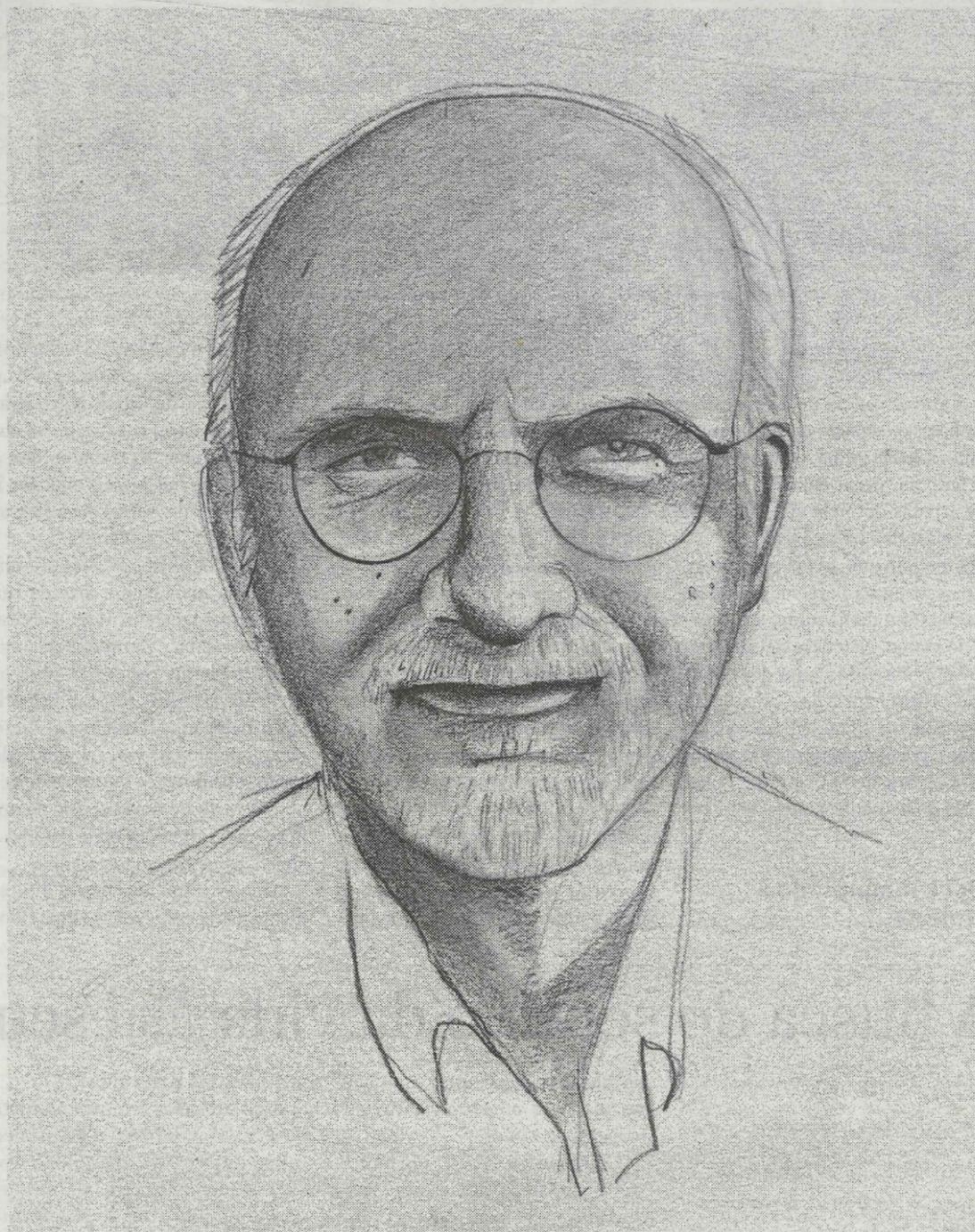


ILUSTRAÇÃO POR ANA BEATRIZ MARQUES

rama musical da altura. Alemanha, França e Inglaterra eram as referências, sendo que, na periferia, encontrar-se-iam aqueles que viviam na sua sombra – Holanda, Bélgica e, consequentemente, Portugal.

“Ouvia-se muita música de Pinho Vargas. Sabia a Portugal”. Manuel Pires da Rocha, diretor do Conservatório de Música de Coimbra, recolheu na música de Vargas o sentimento nacionalista, que evocava enquanto emigrante, e reteve-a na memória, como jovem músico, que encontrou o jazz nas composições de António. Isto, em 1982.

a falha apontada pelo compositor é essa mesma: “tive que inventar sítios para tocar, porque não os havia. Pedir a amigos e coisas do género”. E na qualidade de professor, tenta transmitir o empreendedorismo que um músico, em Portugal, tem de ter. Impreterivelmente. A audácia exige que se gere autonomia no que toca à profissão. Se o músico não tem, procura ter.

“Compreender o nosso lugar no mundo”

Para além do empreendedorismo, Pinho Vargas também transmite aos

nas massas), é o ideal para uma simbiose empática.

“Afinal, a minha inquietude em Portugal tinha razão de ser”, justifica o compositor. Razão essa encontrada na evolução das correntes estilísticas de um modernismo que aumentava em proporção dos hábitos de povos diferentes, onde se adquiria uma nova forma de olhar o mundo e a pátria de onde se proveu. Permanecer no país de origem é redutor e, como tal, Vargas percorreu um sem número de países intra e intercontinentais. Viajou à leva com o seu grupo de jazz e descobriu a amplitude de uma

tura. Daí vem o afastamento ou até possível repúdio português em relação à música erudita que, por vezes, é alvo de algum elitismo e de subaproveitamento das potencialidades dos compositores nacionais.

Fazer. A última etapa da criação reflete, para o compositor, a produção da obra de acordo com a individualidade do autor. Mergulhar no problema de produzir é acima de qualquer coisa a dificuldade em demarcar uma assinatura. “Componho de acordo com as minhas conceções do que deve ser uma peça musical, e componho num estado de isolamento”.

António Pinho Vargas lança o desafio aos compositores da nova guarda – muitos deles, antigos alunos seus – para que deixem sempre o seu carimbo naquilo que produzem. Há que esquecer o preconceito português por aquilo que se faz por cá e reinventar novas formas que possam agradar a todos. Porque para valorizar o outro, é preciso valorizar-se a si mesmo. E Vargas é exemplo disso.